

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (AFN) Roberto Marenucci

A TEORIA DA TRINDADE DE CLAUSEWITZ E SUA APLICABILIDADE AO ESTUDO
DO TERRORISMO DO SÉCULO XXI

Rio de Janeiro

2021

CC (AFN) Roberto Marenucci

A TEORIA DA TRINDADE DE CLAUSEWITZ E SUA APLICABILIDADE AO ESTUDO
DO TERRORISMO DO SÉCULO XXI

Monografia apresentada à Escola de Guerra
Naval, como requisito parcial para a conclusão
do Curso Superior.

Orientador: CMG (RM1) Otacilio Bandeira
Peçanha

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2021

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus por ter me concedido saúde e sabedoria para poder chegar até este marcante momento em minha vida.

À minha esposa Fernanda, por ser meu porto seguro, aos meus filhos Rafael e Ana Clara, por serem a maior alegria da minha vida e aos meus pais, pelos ensinamentos transmitidos ao longo de minha jornada.

Ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra (RM1) Otacilio Bandeira Peçanha, pelo apoio, pelas orientações precisas e pelos conhecimentos transmitidos, os quais foram fundamentais para a elaboração desta monografia.

À Capitão de Mar e Guerra (RM1-T) Chiara Leão Araújo de França Delgado de Freitas e ao SO-Ref^o-ET Francisco Rodrigues de Souza, pela maneira atenciosa e profissional com a qual acompanharam a produção deste trabalho.

Aos colegas do curso, pela amizade e pelos bons momentos de intercâmbio de conhecimentos.

RESUMO

Clausewitz é conhecido como o teórico da guerra que soube extrair a essência dos confrontos por meio de uma visão trinitária, ao observar a guerra como um ato de relações humanas que tem a finalidade de alcançar um objetivo político específico. Clausewitz criou a teoria da Trindade no início do século XIX, na qual a violência; o jogo das probabilidades e o acaso; e a subordinação da guerra à política, são elementos que se relacionam e que estão presentes em todas as guerras. Entretanto, alguns autores, críticos de sua obra, entendem que nas últimas décadas ocorreram mudanças na condução das guerras e que, por isso, os escritos de Clausewitz não se aplicariam como uma teoria válida ao ambiente do terrorismo contemporâneo. A partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, praticados pelo grupo terrorista Al-Qaeda em território norte-americano, o terrorismo se tornou um dos temas mais relevantes da agenda de segurança internacional. Ademais, as ações terroristas executadas pela Al-Qaeda, demonstraram seu interesse de causar terror às nações do Ocidente e, com isso, desestabilizar seus governos. Nesse sentido, este trabalho busca analisar as características dos elementos da teoria da Trindade e as características das ações terroristas do século XXI, com a finalidade de se encontrar pontos de concordâncias entre os dois e, a partir dos elementos constituintes da Trindade, analisar se os conceitos que Clausewitz criou no século XIX continuam válidos e aplicáveis para o estudo do terrorismo contemporâneo. Além disso, foi realizado um confronto entre autores que divergem da teoria da Trindade e autores que defendem a teoria e sua aplicabilidade no estudo do terrorismo. Ao final, concluiu-se que a Trindade de Clausewitz continua válida e aplicável ao estudo do terrorismo do século XXI, além do mais, o entendimento dos elementos dessa teoria se faz relevante para a compreensão do terrorismo contemporâneo e, com isso, corroborar a condução de exercícios militares voltados para o enfrentamento dessa ameaça à segurança nacional.

Palavras-Chave: Clausewitz, Terrorismo, Guerra ao Terror, Política e Guerra.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	CLAUSEWITZ E A TEORIA DA TRINDADE	07
2.1	O Histórico do Autor.....	07
2.2	A Obra inacabada “Da Guerra”.....	09
2.3	Características da Teoria da Trindade.....	11
3	TERRORISMO NO SÉCULO XXI	14
3.1	O Terrorismo.....	14
3.2	Guerra ao Terror.....	17
3.3	Características do Terrorismo Contemporâneo.....	21
4	TEORIA DA TRINDADE X TERRORISMO	24
4.1	Divergências e Convergências entre a Teoria da Trindade e o Terrorismo.....	24
4.2	A Aplicabilidade da Trindade de Clausewitz no estudo do Terrorismo.....	27
5	CONCLUSÃO	30
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi motivado pelo atual debate sobre a validade da teoria da Trindade de Clausewitz e suas aplicações perante o estudo das Ações Terroristas do início do Século XXI, a fim de se fazer um paralelo entre os conceitos dessa teoria e as principais características do terrorismo contemporâneo.

Segundo Strachan (2008) Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (1780-1831)¹ foi um general prussiano que viveu entre os anos de 1780 e 1831. Serviu seu país no período das batalhas da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas, além de ter desempenhado funções acadêmicas voltadas à formação de pessoal e de doutrina para seu exército. Estudioso da guerra e da política no contexto das Guerras Napoleônicas, suas teorias contribuíram para o entendimento da natureza desses conflitos, em que a violência se constitui parte fundamental e a política o cerne desse processo.

A teoria da Trindade traz uma reflexão sobre os fundamentos da guerra por meio de uma visão trinitária, que consiste no relacionamento da violência; do jogo das probabilidades e o acaso; e da subordinação da guerra à política; sendo que o primeiro aspecto é relacionado ao povo, o segundo ao comandante e seu exército e o terceiro ao governo. O autor enfatizou, em sua obra, que qualquer teoria sobre a guerra que ignorassem esses três pilares estaria em conflito com a realidade e, por esta razão, seriam consideradas inválidas para o entendimento dos conflitos (CLAUSEWITZ, 2010²).

A partir do século XXI ocorreu um aumento de atores não estatais nos conflitos internacionais, fato este, que fomentou a ideia de uma possível transformação na natureza da guerra. Por conseguinte, o terrorismo passou a ser equalizado à guerra e se tornou um dos temas mais relevantes na agenda de segurança internacional, principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos da América (EUA); sendo que em resposta a esses atentados, o governo norte-americano declarou guerra ao inimigo, executando ações militares no Afeganistão e no Iraque que ficaram conhecidas como Guerra ao Terror (FARIAS, 2019).

Para Visacro (2009) o terrorismo, com suas características peculiares, compreende um conjunto de ações que transcende o senso comum e que frequentemente é associado a uma

¹ Para este trabalho o nome Clausewitz será referenciado como um estrategista e teórico da guerra, da mesma forma que ele será demonstrado no referencial bibliográfico como o escritor da obra “Da Guerra”.

² O livro “Da Guerra” de Clausewitz foi publicado pela primeira vez em língua alemã com título “Vom Kriege”, no ano de 1832. Contudo este trabalho utilizará a edição de 2010, traduzida por Maria Tereza Ramos, da editora WMF Martins Fontes.

doutrinação com o intuito de atingir determinados objetivos psicológicos. A ocorrência organizada de ações violentas de grande impacto físico e psicológico com o intuito de criar situações de medo é facilmente entendida pela opinião pública como sendo terrorismo. Da mesma forma, os atentados realizados pelo Grupo Al-Qaeda³ em Washington e Nova Iorque no início do século XXI também foram considerados atos terroristas.

Esta pesquisa se justifica pela importância de se promover um debate sobre a teoria da Trindade criada por Clausewitz no século XIX, investigando se essa continua válida e aplicável para o estudo do terrorismo contemporâneo. Outrossim, sabe-se que Clausewitz é considerado um dos maiores teóricos da arte da guerra, e o estudo de seus conceitos propicia uma importante ferramenta de estratégia militar para os Estados. Isso posto, é possível constatar que o entendimento e a aplicação da Trindade podem impactar positivamente na condução de exercícios militares.

A relevância deste trabalho é comprovada pela produção de conhecimento sobre a relação entre os conceitos da teoria da Trindade de Clausewitz e as características do terrorismo contemporâneo. Além disso, ele contribuirá como fonte de pesquisa para os alunos dos diversos cursos da Marinha do Brasil.

Dessa forma, buscar-se-á resolver o seguinte problema de pesquisa: *a teoria da Trindade de Clausewitz pode ser aplicada para o estudo do terrorismo do século XXI?* O objetivo principal do trabalho é analisar a aplicabilidade da teoria da Trindade de Clausewitz ao estudo do terrorismo do século XXI. Os objetivos secundários são: identificar as principais características da teoria da Trindade de Clausewitz; identificar as principais características do terrorismo no século XXI e analisar se o conceito da teoria da Trindade proposta por Clausewitz permanece atual e aplicável ao estudo do terrorismo do século XXI. Em função da complexidade e abrangência do tema, esta pesquisa se limitará analisar os conflitos envolvendo ações terroristas e ações de combate ao terrorismo, ocorridos entre os anos de 2001 e 2005.

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica que visa analisar o problema descrito no parágrafo anterior. Nesse sentido os resultados serão apresentados de forma qualitativa, a partir da coleta de informações de fontes secundárias, como livros, trabalhos científicos e documentos relacionados ao assunto. Dentre os referenciais teóricos utilizados na pesquisa, destaca-se a coletânea sobre os conceitos da guerra apresentada por

³ Rede terrorista formada por Osama bin Laden no fim da década de 1980. Dentre os principais atentados sob a autoria desta organização podemos citar: EUA (2001) e Espanha (2004) (CHALIAND, BLIN, 2007).

Clausewitz (2010) e as particularidades do terrorismo contemporâneo apresentadas por Visacro (2009).

Para o alcance do objetivo proposto este trabalho está estruturado em cinco seções, sendo a primeira esta introdução. A segunda é composta pelo referencial teórico a respeito da teoria da Trindade de Clausewitz. A terceira apresentará o referencial teórico a respeito das características do terrorismo no século XXI. Em seguida, a quarta trará o confronto com a análise dos conceitos da teoria da Trindade e sua aplicação ao estudo do terrorismo no século XXI. Por último, será exposta a conclusão acerca do tema abordado.

2 CLAUSEWITZ E A TEORIA DA TRINDADE

Clausewitz inicia sua obra apontando que a guerra pode ser considerada como um duelo em grande escala, sendo representada pela figura de dois lutadores que se enfrentam, cada um buscando obrigar o outro a fazer a sua vontade, por meio do uso da força física. Tendo como objetivo imediato derrubar seu oponente, fazendo com que este se torne incapaz de se refutar à resistência. Ademais, apresenta a definição inicial de que “A guerra é pois um ato de violência destinado a forçar o adversário a submeter-se à nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 7).

A teoria da guerra, como ferramenta de estudo desse trabalho, promoverá a compreensão das características dos elementos da Trindade de Clausewitz e seu relacionamento com o terrorismo contemporâneo. De modo a orientar o leitor sobre a importância de se discutir esses conceitos criados por Clausewitz no século XIX, demonstrando todo o caráter atemporal de seus ensinamentos.

2.1 O Histórico do Autor

Para o melhor entendimento do ambiente em que a teoria da Trindade foi concebida, faz-se necessário um breve estudo sobre a vida e as experiências de seu autor Clausewitz, demonstrando um pouco da sua carreira militar inserida no contexto da Revolução Francesa e das Guerras Napoleônicas; bem como conhecer algumas personalidades que o influenciaram na criação de suas teorias.

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz foi um militar do Reino da Prússia que se tornou general. Nasceu na cidade Burg, no dia 1º de julho de 1780, filho de Friedrich Gabriel von Clausewitz e Frederike Dorothea Charlotte Schmidt, teve cinco irmãos, todos nasceram na mesma cidade. Clausewitz ingressou no exército como cadete aos doze anos de idade, no

34º Regimento de Infantaria do Príncipe Ferdinand. Naquela época, era comum que os homens prussianos iniciassem suas carreiras militares muito jovens (STOKER, 2014).

Clausewitz entrou para o exército três anos após o início da Revolução Francesa que foi um dos principais marcos da História, essa experiência militar vivida pelo autor se tornou um dos pilares para a sua futura teoria da guerra. Logo em 1793, vivenciou seu primeiro combate contra a França em trincheiras sitiando Mainz, ali o adolescente testemunhou o choque entre os exércitos da velha e da nova ordem (STRACHAN, 2008; STOKER, 2014).

Ademais, ele observava os conflitos durante a revolução e entendia que a paixão do povo era o elemento central que motivava tamanha obstinação nos combates. A guerra se manifestava não mais limitada por restrições tradicionais, assim, sem a perspectiva limitadora da violência nos combates, as táticas e doutrinas militares também se transformaram (STOKER, 2014).

Clausewitz foi admitido na inaugurada escola militar Allgemeine Kriegsschule, na qual conheceu Gerhard Johann David von Scharnhorst (1755-1813) que seria seu grande mentor e amigo. Seu bom desempenho na turma em 1803, fez com que Clausewitz fosse designado tutor do príncipe August von Preußen. O príncipe tinha 24 anos e era filho de Ferdinand que era chefe do regimento de Clausewitz, e primo do rei (STRACHAN, 2008). Com essa nova tarefa, Clausewitz pôde se aproximar cada vez mais da alta sociedade prussiana.

Outrossim, é importante destacar que Scharnhorst foi o precursor da nova ideologia militar prussiana, na qual Clausewitz se tornou seguidor e maior representante do conceito de estratégia militar que dominou o Ocidente no século XIX. Para Scharnhorst, as derrotas do exército prussiano na guerra se davam pela sua ordem obsoleta e pela falta de envolvimento do governo e do povo nos conflitos, como já se havia notado, a força e as paixões do exército francês não poderiam ser combatidas com as táticas e estruturas arcaicas do exército tradicional prussiano (STOCKER, 2014).

No dia 17 de dezembro de 1810, Clausewitz e Marie von Brühl se casaram na Igreja de Santa Maria. Em virtude da morte prematura de Clausewitz, sua esposa foi a figura responsável pela publicação da sua obra inacabada “Da Guerra”. Em sua obra, foram inseridas as cartas trocadas pelo casal que expressaram uma visão importante dos aspectos da vida privada de Clausewitz, como também, demonstraram o desenvolvimento progressivo de suas ideias sobre a guerra (STOCKER, 2014).

Clausewitz foi promovido a Major-General em 1818 e assumiu o cargo de diretor da Escola Allgemeine Kriegsschule. Com a assunção do cargo, à frente daquela escola, suas tarefas eram basicamente administrativas, nesse período o autor pôde dedicar mais tempo para os estudos dos conceitos militares que viriam a constituir sua principal obra “Da Guerra” (BASSFORD, 1994).

Contudo, em agosto de 1831, o general prussiano recebeu o comando da operação que organizava um cordão sanitário para evitar a disseminação da cólera na Europa, porém, logo foi substituído por ter contraído a doença. Dessa maneira, ele retornou à cidade de Breslau e veio a sucumbir de cólera no dia 16 de novembro de 1831, aos 51 anos de idade (BASSFORD, 1994).

Em suma, conhecer um pouco do histórico de Clausewitz possibilita entender a conjuntura das guerras da época em que estava inserida sua trajetória militar. Isso demonstra as peculiaridades da experiência militar vivida pelo autor, que orientaram a construção dos conceitos de sua maior obra “Da Guerra”.

2.2 A Obra inacabada “Da Guerra”

Clausewitz é apresentado como um teórico da guerra que soube extrair a essência dos confrontos por meio dos elementos da Trindade, para ele: “a guerra é uma simples continuação da política por outros meios” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 27). Isso posto, suas lições de tática e estratégia militar, inseridas em sua obra “Da Guerra”, tornaram-se uma profunda reflexão filosófica acerca da guerra e da paz que orientaram políticos e estrategistas militares durante as últimas décadas. Agora, será demonstrado um pouco das teorias que tornaram Clausewitz um dos principais estudiosos da guerra.

O livro “Da Guerra” de Clausewitz, foi editado no ano de 1832 por sua esposa Marie von Brühl. As teorias do autor foram estruturadas nos últimos anos de vida, período compreendido entre 1827 e 1830, quando definitivamente ele concebeu a ação da política nas guerras. No entanto, Clausewitz não conseguiu reformular por completo o seu livro, visto que apenas o capítulo 1 do livro I foi considerado como conclusivo de acordo com o pensamento do seu autor, sendo por isso, que sua obra é chamada de inacabada (ARON, 1986).

Tal afirmação é constatada em uma nota escrita por Clausewitz, sem data, na qual o autor considera o livro “Da Guerra” como um agregado de fragmentos que deveria servir para a elaboração de uma teoria da guerra, entretanto, as ideias defendidas nesses materiais eram suficientes para a construção da sua obra (CLAUSEWITZ, 2010). O livro de Clausewitz

é resultado de meditações muito diversas, sempre relacionadas as suas experiências vividas em combate e a tudo aquilo que aprendeu com os grandes soldados.

Segundo Bassford (1994) “Da Guerra” é uma coletânea composta de oito livros, o primeiro é apresentado como a Natureza da Guerra e traz importantes conceitos de sua teoria, pois as ideias contidas nesse trecho servem de referência para entender a revisão que Clausewitz pretendia fazer em todo o livro, mas que com a sua morte repentina, aos 51 anos, não houve tempo para realizar. O segundo aborda a Teoria da Guerra, sendo este um dos preceitos para Clausewitz pensar em uma teoria que fugisse do modelo esquemático de doutrinas militares de sua época. O terceiro trata da Estratégia; o quarto do Engajamento; o quinto das Forças Militares; o sexto da Defesa; o sétimo do Ataque; e, por fim, o oitavo sobre Planos de Guerra.

Outrossim, muitos leitores de Clausewitz decidiram adotar “Da Guerra” como um guia de instruções para operações de combate, fato que desvirtuou o seu propósito. Na verdade, a intenção de Clausewitz não foi fornecer um manual para a execução das ações militares, mas sim teorias para os estudos das guerras, fornecendo aos interessados uma síntese conceitual sobre como as guerras foram desenvolvidas e modificadas no decorrer da história (BASSFORD, 1994).

Em virtude de suas experiências com as guerras e dos ensinamentos que recebeu de Scharnhorst, Clausewitz sempre destacou o fator humano em sua teoria, uma vez que, não seria lógico estabelecer princípios de guerra no sentido tático e estratégico, sem levar em conta aspectos sociais que não podem ser mensurados. Assim, Clausewitz entendia a ciência de forma coerente e discordava dos pensadores iluministas que não levavam em conta o fator humano e sempre buscavam mensurar com dados matemáticos a ciência da guerra (STRACHAN, 2008).

Clausewitz não observou a guerra sobre o enfoque da imutabilidade, mas sim, da constante mutação de sua natureza, que são considerados os reais fundamentos da guerra. A guerra pode ser considerada um fenômeno social e humano, que não pode ser definida por meio de uma ciência exata, Clausewitz não compartilhava do conceito de estratégia vigente à época, no qual se estudava a guerra a partir de padrões mecânicos e matematicamente calculáveis (STRACHAN, 2008).

Entre as principais teorias contidas no livro “Da Guerra” que confirmam Clausewitz como um dos maiores pensadores da estratégia militar, podem-se destacar: a guerra é a continuação da política de Estado por outros métodos, conceito que demonstra a subordinação das ações militares à política; a diferenciação entre guerra absoluta e guerra

real, em que se destaca o caráter irreal e ideal da primeira forma de guerra e, a incorporação da política como componente principal para o entendimento das guerras reais; como também, a inclusão das forças morais e dos valores subjetivos, considerados essenciais para condução das guerras (CLAUSEWITZ, 2010).

Ademais, destaca-se também, a Trindade da Guerra que é uma teoria formado por três tendências predominantes, que atuam como forças distintas em seu núcleo e fazem parte de todas as guerras já cometidas; e a relação enérgica entre defesa e ataque, salientando a primazia da defesa que impede o ataque e, assim, possibilita a preservação de uma situação ou uma posição (CLAUSEWITZ, 2010).

Além disso, na Marinha do Brasil, as teorias criadas por Clausewitz presentes em sua obra “Da Guerra” são discutidas e estudadas nos principais cursos para oficiais, como podemos constatar na publicação didática da Escola de Guerra Naval, EGN-601 Manual de Estratégia Operacional (volumes I, II e III); que promove um estudo sobre algumas de suas teorias, sendo elas, Trindade da Guerra, Centro de Gravidade e Ponto Culminante (ESCOLA DE GUERRA NAVAL, 2012).

Em suma, Clausewitz em seu livro “Da Guerra” defendeu a impossibilidade de haver princípios eternos para a guerra, uma vez que essa poderia variar em suas formas, dependendo das transformações naturais ocorridas na política e na sociedade, na qual ela está inserida. Com isso, podemos inferir que a teoria da Trindade apresenta um aspecto atemporal que pode se adaptar as peculiaridades do terrorismo do século XXI.

2.3 Características da Teoria da Trindade

Com o propósito de promover a compreensão de sua teoria, Clausewitz relaciona os componentes da Trindade com possíveis atores, contextualizados de acordo com o período em que sua obra foi escrita. Sendo o primeiro associado ao povo, o segundo ao comandante e seu exército e o terceiro ao governo.

Entretanto, esses atores podem ser melhores representados pelos conceitos abstratos descritos pelas paixões que serão inflamadas na guerra, pela liberdade de ação de seu comandante caracterizado pelo jogo das probabilidades e do acaso, e pelos propósitos políticos inerentes aos conflitos (CLAUSEWITZ, 2010).

Com o intuito de demonstrar a teoria da Trindade de Clausewitz em sua íntegra, faz-se necessário uma citação mais longa, extraída de sua obra “Da Guerra”:

A guerra, então, não é apenas um verdadeiro camaleão, que modifica um pouco a sua natureza em cada caso concreto, mas é também, como fenômeno de conjunto e relativamente às tendências que nela predominam, uma surpreendente trindade em que se encontra, antes de mais nada, a violência original do seu elemento, o ódio e a animosidade, que é preciso considerar como um cego impulso natural, depois, o jogo das probabilidades e do acaso, que fazem dela uma livre atividade da alma, e, finalmente, a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura.

O primeiro desses três aspectos interessa particularmente ao povo, o segundo, ao comandante e ao seu exército, e o terceiro importa sobretudo ao governo. As paixões chamadas a incendiar-se na guerra de preexistir nos povos em questão; a amplitude que assumirá o jogo da coragem e do talento no domínio do acaso e das suas vicissitudes dependerá do caráter do comandante e do exército; quanto aos objetivos políticos, só o governo decide por eles.

Essas três tendências, que aparecem como outras tantas normas legislativas, estão profundamente enraizadas na natureza do objetivo, ao mesmo tempo que variam de grandeza. A teoria que pretendesse pôr de parte alguma delas, ou que estabelecesse entre elas uma relação arbitrária, incorreria imediatamente numa tal contradição com a realidade que só por essa razão seria preciso considerá-la como nula.

O problema consiste, portanto, em manter a teoria no meio dessas três tendências, como que em suspensão entre três centros de atração. (CLAUSEWITZ, 2010, p. 30).

Dessa forma, Clausewitz elaborou a sua definição mais complexa da guerra que é dada explicitamente na teoria da Trindade. O autor compara a guerra a um camaleão, visto que se adapta a diferentes situações e se manifesta de formas variáveis, mas que também guarda características próprias que não se alteram, pois seriam a sua própria essência. Tais características são sintetizadas em três tendências de termos simplificados, que estariam presentes em todas as guerras, sendo elas a violência, o acaso e a política. Portanto, o camaleão pode mudar de cor, mas continua sendo um camaleão, assim também, a guerra pode admitir diferentes manifestações, mas ela ainda não deixa de ser uma guerra, que deve ser entendida na sua essência pelas tendências da Trindade (ARON, 1986).

Segundo Bassford (2007) a Trindade de Clausewitz pode ser entendida por dois prismas que são descritos em sua teoria, a trindade primária formada pelos elementos abstratos: a violência original, o ódio e a animosidade; o jogo das probabilidades e do acaso; e a sua natureza subordinada à política, como também a trindade secundária formada pelos atores: povo; comandante e seu exército; e governo.

Para Strachan (2008) o primeiro elemento da Trindade associado ao povo, corresponde a violência primordial, a vingança, a hostilidade e a todos os sentimentos considerados como um instinto cego, que representa um estímulo ao combate, proveniente de um comportamento instintivo e brutal. Esse elemento provém justamente das relações humanas entre adversários e do instinto de vingança que impulsiona a reciprocidade nos combates.

A guerra atingiu um novo patamar durante os conflitos da Revolução Francesa, sendo que pela primeira vez ela se tornou um assunto de todo o povo, atingindo um grau de mobilização jamais visto antes. Com efeito, a liderança de Napoleão Bonaparte (1769-1821) unida à mobilização do povo e ao entusiasmo revolucionário resultaram no moral elevado dos seus combatentes. Tal entusiasmo proporcionou o alcance de um novo patamar de combate que era executado com extrema intensidade, até que o inimigo sucumbisse, buscando sempre o enfrentamento decisivo das batalhas (ARON, 1986).

O segundo elemento corresponde ao jogo de probabilidades e acasos na guerra. Relaciona-se à própria atividade militar diante da sua imprevisibilidade. Esse elemento seria atribuído à esfera da tropa e do líder militar, na qual o comandante e seu exército teriam espaço para exercer sua genialidade criativa diante das imprevisibilidades dos combates (STRACHAN, 2008).

Além disso, nenhum plano de guerra está livre de ocorrências imprevistas, proporcionadas pelo acaso, sendo que todas as dificuldades são manifestação concretas que ocorrem durante os conflitos. Tais dificuldades podem ser superadas mediante ao livre espírito criativo do comandante e do seu exército. Durante a Revolução Francesa, coube a Napoleão Bonaparte corrigir as limitações técnicas de seu exército, direcionar todo o ímpeto da revolução para a guerra, como também, buscar oportunidades para realização de batalhas decisivas (CLAUSEWITZ, 2010).

Por fim, o último elemento da Trindade é a subordinação da guerra à política. Esse elemento está relacionado aos propósitos políticos da guerra, em que os governantes podem interferir nos conflitos, de maneira a diminuir ou aumentar a intensidade de sua violência, a fim de se conquistar objetivos políticos definidos (STRACHAN, 2008).

Outrossim, Clausewitz afirma que a guerra é considerada a continuação da política, assim, os aspectos militares não podem ser separados dos objetivos políticos. O sucesso dos objetivos políticos na guerra não é ligado a um único método, que significa não estarem condicionados a uma vitória ou uma trégua, mas, principalmente, a acordos entre opositores. Com efeito, cada encerramento de conflito militar ou a sua manutenção envolve ações diplomáticas vinculadas aos objetivos políticos (STRACHAN, 2008). Portanto, a política em suas diferentes possibilidades orienta a guerra e, por vezes, diminui a intensidade de sua violência.

Ademais, Clausewitz compara as forças da Trindade com a de três imãs, que igualmente poderosos, mantem uma ligação de equilíbrio de forma complexa e imprevisível. Tal analogia demonstra que os três elementos da trindade representam campos magnéticos,

cuja relação entre si estaria sempre em fluxo; visto que as três tendências da Trindade estão em uma constante relação fluída e dinâmica entre si, controladas pelo equilíbrio de seus poderes (STRACHAN, 2008).

Para Clausewitz (2010), os três elementos da Trindade são como três códigos de leis diferentes, variáveis em sua relação uns com os outros; visto que uma teoria que ignorasse qualquer um deles ou que procurasse estabelecer uma relação arbitrária entre eles, estaria em conflito com a realidade e, por essa razão, seria considerada inválida.

Em suma, a Trindade não é uma simples soma de conceitos desenvolvidos por Clausewitz, mas sim uma complexa teoria sobre a guerra que não deve ser analisada de forma isolada. Portanto, é importante fixarmos mais nos conceitos que definem os componentes da Trindade do que nos elementos em si, já que estes podem sofrer modificações em sua denominação, em virtude do tempo ou do espaço em que são analisados. Assim, como podemos observar nas características peculiares do terrorismo do século XXI que serão expostas no próximo capítulo.

3 TERRORISMO NO SÉCULO XXI

O início do século XXI, mais precisamente em 11 de setembro de 2001, ficou marcado pelos atentados terroristas que o grupo Al-Qaeda executou nos Estados Unidos da América. Esse fato sinalizou uma virada nas relações internacionais, por ter sido uma ofensiva de grandes proporções direcionada ao território da maior potência militar do mundo. Por conseguinte, o presidente norte-americano George W. Bush declarou Guerra ao Terror contra a Al-Qaeda e países que, de alguma forma, davam suporte ao grupo terrorista.

Além disso, os atentados transformaram o real significado de terrorismo internacional, uma vez que o grupo Al-Qaeda não tinha um caráter estatal e realizava suas ações, principalmente, por meio de ataques suicidas. Tal fato dificultou que os EUA executassem uma retaliação nos moldes tradicionais, pois, até então, a guerra e segurança internacional pertencia ao ambiente dos Estados.

3.1 O Terrorismo

O termo terrorismo não se configura como um fenômeno recente, esta palavra remete aos radicais jacobinos e a institucionalização do “terror de Estado” desferido durante a Revolução Francesa, pelo Tribunal Revolucionário de Paris. Antes deles, diversos tiranos já

havam apelado a esse método de combate, como o Czar Ivan IV que recebera o “terror” como cognome (VISACRO, 2009).

Segundo Visacro (2009), um dos mais conhecidos atos terroristas foi o atentado que precipitou o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando uma organização nacionalista bósnia, que era patrocinada pela Sérvia, assassinou o Arquiduque Ferdinando da Áustria durante uma visita a Sarajevo. Outro exemplo foi o de Michael Collins, em 1920, que empregou métodos semelhantes em favor da causa nacionalista irlandesa.

Na década de 1970, o terrorismo encontrava-se associado à tomada de reféns, entretanto com a Revolução Iraniana em 1979 houve o surgimento do terrorismo religioso e, com ele, organizações como o Hezbollah, o Hamas, a Jihad Islâmica Palestina e a Al-Qaeda, que alcançaram grande projeção no cenário internacional, executando ações por meio de atentados suicidas com um elevado número de vítimas civis. Tais ações são atos de guerra irregular que abrangem um grande repertório de métodos, com objetivos e características variáveis (VISACRO, 2009).

A definição exata de terrorismo não é consenso entre os Estados, pois, considerando sua enorme complexidade, é possível verificar diferentes pontos de vista sobre o termo. Com isso, pode-se entender o motivo da existência de inúmeras interpretações da definição de terrorismo.

O Departamento de Estado dos EUA define terrorismo como a violência premeditada e motivada pela política, praticada contra alvos civis por organizações subnacionais ou agentes clandestinos, geralmente com o objetivo de persuadir uma audiência (VISACRO, 2009).

Outrossim, o Governo do Reino Unido o define como o uso da força ou sua ameaça com o objetivo de fazer avançar uma causa ou ação política, religiosa ou ideológica que envolva violência séria contra qualquer indivíduo ou propriedade, coloque em risco a vida de qualquer pessoa ou que crie um risco sério para a saúde e segurança do povo ou de uma parcela do povo (VISACRO, 2009).

Por sua vez, o Ministério da Defesa (MD), em sua publicação MD35-G-01/Glossário das Forças Armadas (BRASIL, 2015), define terrorismo como uma forma de ação que corresponde ao emprego da violência física ou psicológica, de maneira premeditada, por pessoas ou grupos que podem ser apoiados ou não por Estados, com o objetivo de coagir governos, autoridades, indivíduos, grupos ou mesmo toda a população a assumir uma determinada conduta. Sendo motivado e estruturado por razões políticas, ideológicas, econômicas, ambientais, religiosas ou psicossociais.

O cerne do terrorismo é o seu propósito de provocar a sensação de pavor na população civil, sendo nesse efeito psicológico que talvez resida a sua principal ameaça. Em um estado ameaçado pelo terrorismo, o pânico da população pode ser permanente, tendo em vista que um dos objetivos dos ataques é causar um grande número de vítimas civis. Logo, o perigo reside em locais com grande fluxo de pessoas que poderiam, a qualquer momento, ser palco de um ato dessa natureza. Sendo que, o medo causado pela imprevisibilidade na realização do atentado é uma das maiores armas das organizações terroristas (SOUZA; NASSER; MORAES, 2014).

Neto (2010), afirma que o 11 de setembro de 2001 foi considerado o maior atentado terrorista da história, com cerca de 3.000 mortos. A ação teve início em Nova York, quando um avião, procedente de Boston, foi jogado contra a torre norte do *World Trade Center*, um dos prédios mais famosos do planeta, após alguns minutos, outro avião, também saído de Boston, chocou-se contra a torre sul do *World Trade Center*. Uma terceira aeronave, que partiu de Washington, atingiu o Pentágono, prédio da estrutura de defesa das Forças Armadas dos EUA. Em seguida, outro avião que saiu de Newark, também foi sequestrado, porém, foi derrubado em uma área desocupada no estado da Pensilvânia.

A ação terrorista de 11 de setembro foi uma operação sofisticada, que demonstrou uma enorme capacidade de planejamento e organização do grupo Al-Qaeda, posteriormente responsabilizado pelos atentados. Por consequência, o terror foi disseminado em todo o país, a capital Washington foi evacuada e suas ruas foram patrulhadas por um grande contingente de policiais. O pânico tomou conta de todos os cidadãos e seu reflexo pôde ser sentido nos mercados financeiros mundiais (NETO, 2010).

Anos depois, em 11 de março de 2004, outro atentado de grande vulto foi desferido pelo grupo Al-Qaeda e aliados. Desta vez, a ação foi realizada no território da Espanha, atingindo o seu sistema ferroviário e resultando na destruição de quatro trens e na morte de 190 pessoas, aproximadamente. O atentado ocorreu por motivos políticos, visto que foi executado poucos dias antes das eleições espanholas (ATWAN, 2006).

Segundo Atwan (2006), Osama bin Laden, líder da Al-Qaeda e idealizador dos ataques terroristas aos EUA e à Espanha, era originário de família rica que fez a opção de ter uma vida simples, longe dos privilégios e luxos de sua casa. Ganhou reconhecimento internacional por meio dos ataques terroristas que praticou contra várias nações do Ocidente. Após os ataques de 11 de setembro, se tornou um dos terroristas mais procurado do mundo e, a partir de então, viveu escondido até a sua captura e morte em maio de 2011, pelas forças especiais da Marinha dos EUA.

O líder da Al-Qaeda, declarou guerra contra os norte-americanos, de uma caverna localizada nas montanhas afegãs. Um dos objetivos dos ataques de 11 de setembro seria o restabelecimento do califado e, como consequência, a antiga glória do *Umma*⁴. Com essa afirmação, o terrorista deixou claro os reais objetivos políticos e religiosos de sua organização (ATWAN, 2006).

Ademais, quatro dias antes das eleições de novembro de 2004 dos EUA, Osama bin Laden gravou um vídeo afirmando que a segurança do povo americano não está nas mãos dos candidatos à presidência, mas sim, nas mãos do próprio povo. Afirmou ainda, que, se o governo norte-americano não atacasse a Al-Qaeda, esse também não seria atacado (ATWAN, 2006). Portanto, a tática da organização foi jogar o povo norte-americano contra seus próprios líderes, atribuindo a culpa por prováveis ataques a seu território, uma vez que essas ações terroristas poderiam ser evitadas mediante a uma melhora nas relações políticas entre os EUA e o Oriente Médio.

Em suma, pode-se verificar que, a partir dos atentados aos EUA, o grupo terrorista Al-Qaeda ganhou maior projeção no cenário internacional, haja vista o seu crescente poderio militar e econômico. Os recursos financeiros que a organização possui é um dos principais fatores que patrocinam e motivam grupos menores a realizarem ação terrorista de objetivos semelhantes.

Outro fator importante de ser analisado é a capacidade organizacional e tática que Al-Qaeda demonstrou ao desferir o maior ataque terrorista da história. Essa ação evidenciou a incapacidade das grandes potências militares se defenderem deste tipo de ato de guerra. Com isso, o estudo dos conceitos da teoria da Trindade pode suscitar em uma importante ferramenta estratégica para o planejamento da defesa contra as ações terroristas, assim como, as ações de ataque executadas na Guerra ao Terror.

3.2 Guerra ao Terror

Este estudo se propõe a analisar os conflitos ocorridos no início do século XXI, entre os anos de 2001 e 2005, envolvendo atos terrorista e ações de combate ao terrorismo, a fim de se fazer um paralelo com as características da Trindade de Clausewitz. Assim sendo, a partir de agora será exibido as principais ações executadas contra o terrorismo contemporâneo, conhecidas como Guerra ao Terror.

⁴ *Umma* é um termo do Islã que se refere a uma comunidade constituída por muçulmanos, unida pela fé em Alá e na predestinação divina de seus seguidores (CHALIAND, BLIN, 2007).

Logo após os ataques de 11 de setembro 2001, o Presidente dos EUA George W. Bush declarou Guerra ao Terror como parte de uma estratégia mundial para combater o terrorismo. O atentado foi tratado como um ato de guerra pelo governo norte-americano e, com isso, o estado assumiu poderes de perseguir e deter indivíduos suspeitos no estrangeiro e em seu território.

A Guerra ao Terror significou um grande esforço de mobilização do governo norte-americano nas áreas política, diplomática, econômica e militar. Assim, como parte das operações militares nessa guerra de combate ao terrorismo internacional, os EUA e aliados invadiram e ocuparam o Afeganistão e o Iraque (ROCHA, 2020).

Para Rocha (2020), a invasão do Afeganistão pelo EUA e países da Coalisão se deu pelo motivo do território afegão ter se tornado um reduto para atividade do grupo Al-Qaeda. Sendo que, o histórico de conflitos internos, a falência do poder do Estado e a ausência de unidade nacional, causaram a divisão da sociedade afegã em diversos grupos étnicos subdivididos em tribos.

Outrossim, Osama bin Laden buscou implantar na mente dos muçulmanos a ideologia pautada na premissa de que era dever deles a eliminação do povo norte-americano e todos os seus aliados. Certamente, o líder da Al-Qaeda soube aproveitar as péssimas condições sociais e econômicas da maioria da população afegã, para realizar o recrutamento de combatentes para as fileiras terroristas, principalmente, dos mais jovens e sem expectativa de futuro (ROCHA, 2020).

No início da invasão do Afeganistão sua força militar era composta de cerca de 45.000 combatentes; de blindados herdados da ocupação soviética de 1979, os quais operavam com grandes restrições em função da falta de manutenção; e de um arsenal composto por foguetes Katyusha, metralhadoras, morteiros e mísseis Scud de curto alcance, dos quais, em sua maioria, foram fornecidos pela organização Al-Qaeda, na figura de seu líder (LAMBETH, 2005).

Segundo Lambeth (2005), o componente aéreo do Afeganistão dispunha de aproximadamente 80 helicópteros e alguns poucos aviões. Logo, aquele país não foi considerado uma ameaça aérea, frente ao poderio da Coalizão, haja vista seu reduzido número de aeronaves militares e de pilotos qualificados para operar essas aeronaves.

Para Cox (2006) foram as Forças Especiais dos EUA e da Coalizão que conduziram a maior parte das operações, contando com o apoio de tribos afegãs opositoras ao regime vigente. As aeronaves da Força Aérea e da Marinha dos EUA prestaram apoio às forças da Aliança do Norte, sendo que as primeiras operações utilizaram bombardeiros, caças

nucleados em porta-aviões e mísseis de cruzeiro Tomahawk lançados a partir de navios e submarinos americanos e britânicos.

A campanha militar no Afeganistão teve como objetivos a retirada do regime Talibã do poder, a captura dos líderes da Al-Qaeda, a destruição de sua infraestrutura terroristas, a fim de interromper as atividades da organização naquele país. O propósito da operação foi rapidamente alcançado, visto que as Forças de Coalizão demoraram somente 70 dias, entre os primeiros ataques e a assunção de Hamid Karzai como novo Presidente Interino do Afeganistão (COX, 2006).

Dessa maneira, em dezembro de 2001, o regime do Talibã foi destituído do poder pelas Forças da Coalizão coordenada pelos EUA. Logo, o Afeganistão deixou de ser um refúgio para as atividades do grupo Al-Qaeda. Por conseguinte, o êxito na Guerra do Afeganistão possibilitou aos EUA reafirmar seu protagonismo com maior potência militar do planeta, ainda que não tenha conseguido cumprir o objetivo da capturar o líder da Al-Qaeda Osama bin Laden.

A invasão do Iraque também foi um conflito desferido no contexto da Guerra ao Terror, por uma Força de Coalizão internacional liderada pelos EUA; tendo como justificativa, para a invasão, a existência de armas de destruição em massa no território iraquiano, como também, a possibilidade de Saddam Hussein estar proporcionando abrigo e apoio aos terroristas do grupo Al-Qaeda.

Segundo Torreon (2020), a ação buscava defender a segurança dos americanos e aliados contra a ameaça representada pelo Iraque, bem como aplicar todas as resoluções relevantes do Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSONU). Sendo assim, em meados de 2002, as tropas dos EUA iniciaram o seu deslocamento para área de operação.

Outrossim, o Conselho de Segurança publicou a Resolução n° 1441 de 2002, alegando que o Iraque estava violando resoluções anteriores daquele Conselho. Além do mais, o Iraque não estaria respeitando a proibição de importar e armazenar armas de destruição em massa em seu território. A situação foi agravada, pois o governo do ditador iraquiano insistiu em não cooperar com as equipes de investigadores da Organização das Nações Unidas (ONU) (TORREON, 2020).

Em um discurso realizado no dia 17 de março de 2003, o presidente norte-americano George W. Bush proferiu um ultimato ao presidente iraquiano Saddam Hussein, no qual concedia 48 horas para que o ditador e seus familiares deixassem o território iraquiano. Após o término do prazo, Bush anunciou o início da ofensiva que ficou conhecida como Operação *Iraqi Freedom* (TORREON, 2020).

As Forças da Coalizão possuíam tropas e equipamentos mais qualificados do que as tropas iraquianas, porém, as questões geopolíticas do país invadido impuseram limitações ao seu planejamento. Ressalta-se que, além das distâncias a serem percorridas de 300 milhas até Bagdá, a geografia do terreno marcada pela presença dos tortuosos rios Tigre e Eufrates, exigia das tropas invasoras a capacidade de capturar e de construir pontes para o efetivo estabelecimento de corredores logísticos, que seriam vitais para o sustento as tropas desdobradas no terreno (KEEGAN, 2005).

Para Keegan (2005), o plano de ataque visava desarmar as forças iraquianas por meio de ataques aéreos, enquanto a ofensiva terrestre estivesse ainda na primeira fase de desenvolvimento; sendo que os bombardeios aéreos foram realizados com armas de alta precisão que atingia as formações táticas iraquianas identificadas pela inteligência norte-americana.

A ofensiva terrestre utilizou armamento mais leve e, na maior parte do tempo, os militares da coalisão não enfrentaram dificuldades para a invasão do Iraque, visto que muitos combatentes iraquianos desertaram e outros tantos se renderam. Com efeito, antes mesmo da mobilização das forças terrestres, o General americano Tommy Franks já havia iniciado uma tática subversiva contra a estrutura de comando das divisões iraquianas; de tal forma que quando a coalizão começou a avançar, as divisões iraquianas se dissolveram sem demonstrar grande resistência (KEEGAN, 2005).

Ademais, durante o avanço das tropas terrestres não houve resistência por parte da população, que parecia ignorar o que ocorria ao seu redor. Além disso, muitos dos soldados iraquianos largaram suas armas, tiraram seus uniformes e foram para casa. De fato, tanto a população quanto o Exército já não toleravam mais a ditadura imposta por Saddam Hussein. O regime de Saddam já não se sustentava pois, primeiramente, o ditador estava em guerra com o próprio povo iraquiano (KEEGAN, 2005).

Após cerca de um mês e meio do início das hostilidades, o presidente Bush declarou que os principais combates militares no Iraque haviam terminado. Todavia, as tropas americanas permaneceriam em território iraquiano para garantir a continuação do êxito da batalha e a busca pelas armas de destruição em massa, algo que não pôde ser comprovado, pois as supostas armas não foram encontradas (TORREON, 2020).

Segundo Keegan (2005), a ditadura de Saddam Hussein foi um dos mais cruéis regimes do mundo, pois era um sistema totalitário baseado no culto à sua personalidade. As redes de comunicação estavam sob estrito controle do governo e não havia liberdade de expressão. Já a política interna se limitava ao Partido Baath e outras organizações

insignificantes e submissas. Outrossim, as críticas ao governo podiam ser punidas com a morte e sistema de segurança do país era onipresente e com poderes ilimitados.

Após o término dos combates, as nações responsáveis pela invasão se empenharam em convencer a opinião pública de que a ação militar teria proporcionado um governo democrático e justo para o povo iraquiano. Entretanto, com o desenrolar do conflito, os EUA não conseguiram provar que o Iraque possuía armas de destruição em massa em seu arsenal (KEEGAN, 2005).

Em suma, no campo político, a invasão serviu para reafirmar a hegemonia militar dos EUA após os atentados de 11 de setembro. A guerra resultou em grandes vantagens econômicas para as nações vitoriosas, por meio do controle das reservas de petróleo encontradas em território iraquiano. A Guerra ao Terror foi marcada como uma operação de contra-ataque em represaria às ações terroristas de 11 de setembro, na qual o caráter não estatal do grupo Al-Qaeda dificultou que os países da coalisão executassem ataques pontuais contra a organização.

3.3. Características do Terrorismo Contemporâneo

O terrorismo no século XXI atingiu grande expressão no cenário internacional, pelo caráter psicológico de medo e terror que ele causa na sociedade, principalmente, depois dos atentados perpetrados pela Al-Qaeda em 11 de setembro de 2001; sendo que a violência dos ataques aliado ao grande número de mortos demonstrou a fragilidade das grandes potências militares em repelir atos terroristas realizado em seu próprio território.

Este trabalho visa demonstrar se a teoria da Trindade de Clausewitz continua válida e aplicável em ações terroristas contemporâneas, sendo assim, o estudo das características do terrorismo será pautado a partir dos três elementos dessa teoria. Cabe ressaltar que apenas as ações terroristas e de guerra ao terror, ocorridas entre 2001 e 2005 envolvendo o grupo Al-Qaeda serão examinadas neste trabalho.

O povo como elemento da teoria da Trindade é definido pela violência original, o ódio e a animosidade, considerados como um impulso natural e cego (CLAUSEWITZ, 2010). Tal afirmação demonstra o caráter agressivo que os indivíduos de uma nação se revestem durante o período de guerra, na qual a violência é usada indiscriminadamente com o propósito de se ter vantagem no combate.

Para Visacro (2009) o terrorismo compreende um vasto repertório de ações violentas que transcende o senso comum, sendo normalmente associado a um extremismo religioso com o intuito de atingir determinados objetivos psicológicos; bem como a

ocorrência sistemática de sequestros, assassinatos ou atentados a bomba, realizados por grupos radicais, é naturalmente aceita pela opinião pública como sendo um ato terrorista.

A análise de um ato de terror pode ser mais elucidativa se procurarmos identificá-lo por meio de elementos constitutivos, como o agente perpetrador, na qual indivíduos componentes de organizações criminosas, militantes, ou ainda, agências governamentais e os grupos a elas associados, são responsáveis pelo uso ilegítimo da força coercitiva para realizar atos de terror (VISACRO, 2009).

Segundo Atwan (2006) é incorreto pensar que a única forma de atuação da Al-Qaeda decorre de atentados com bombas, uma vez que a organização executa, em seu recrutamento, uma ação de convencimento, na qual um indivíduo chega a sacrificar a sua própria vida em prol dos objetivos da organização. A facilidade em seu recrutamento se deve pela boa imagem que esse grupo tem perante a sociedade islâmica, visto que, em novembro de 2003, foi realizada uma pesquisa demonstrando que em alguns países árabes cerca de 60% da população apoiavam os atos terroristas da Al-Qaeda.

Para Clausewitz (2010), o Exército e seu Comandante são referenciados com um jogo de probabilidades e acaso, que fazem da guerra uma livre função da alma; bem como o êxito na guerra se caracteriza pela coragem e o talento do comandante no emprego de suas forças, exercendo sua liderança e criatividade perante as adversidades e obstáculos dos confrontos.

Segundo Visacro (2009), as principais tendências do terrorismo no século XXI é o intenso uso de conexões internacionais, a utilização de estrutura de redes em detrimento das organizações verticalmente hierarquizadas, o fortalecimento dos vínculos já existentes com o crime organizado e com o tráfico de armas, como também, a disseminação de táticas, técnicas e procedimentos entre as organizações terroristas, criando, assim, um ambiente favorável para captação de recurso e recrutamento de pessoal a serem usados por essas organizações terroristas.

No Afeganistão, a Al-Qaeda desenvolvia os treinamentos de suas ações com o apoio do líder Talibã Mullah Mohammed Omar. O grupo se sustentava, principalmente, na primícia do combate à opressão norte-americana aos muçulmanos e à presença de suas tropas em terras santas. Contudo, sua intenção era fazer com que os EUA parassem de interferir nos assuntos do Oriente Médio (CHALIAND, BLIN, 2007). Com isso, observa-se que o grupo Al-Qaeda mantinha uma estrutura de hierarquia com treinamentos e recrutamentos nos mesmos moldes das forças militares.

Segundo Atwan (2006), a influência que a Al-Qaeda tinha sobre a sociedade islâmica era fundamental para a execução de suas operações militares. Ademais, era a partir dessa boa imagem que Osama bin Laden conseguia lançar uma *Jihad*⁵ para fazer o recrutamento de novos combatentes. Dessa forma, fazia com que a população se sentisse com a obrigação de ir à guerra para libertar os países muçulmanos.

A forma ofensiva do terrorismo é a forma mais forte de confronto que se pode ter, já que os perpetradores são, normalmente, muito fracos para encarar qualquer outra forma de embate direto. Portanto, busca-se realizar uma tática de caráter ofensiva e uma estratégia de caráter defensiva, fazendo com que os objetivos políticos sobrevivam mesmo diante de um adversário muito mais forte militarmente; bem como no nível tático, o objetivo do terrorismo é causar o maior dano possível e com a maior publicidade, enquanto no nível estratégico o objetivo é sempre provocar terror na sociedade (CHALIAND; BLIN, 2007).

Cabe destacar que as pessoas que seguem a organização Al-Qaeda e executam seus ataques não consideram a ação de se explodirem como ato suicida; visto que para a cultura islâmica, essa ação é entendida como martírio, ou seja, um ato político e religioso que os aproxima do *Umma* e lhes garante imediatamente um lugar no céu (ATWAN, 2006).

Segundo Clausewitz (2010), a guerra, em sua essência, é um instrumento subordinado à política. Com essa afirmação, o teórico esclarece que são os líderes das nações, por intermédio da aplicação da política, quem decidem os rumos das guerras, podendo aumentar ou diminuir a intensidade da violência nos confrontos.

Como foco da discussão entre guerra e terrorismo, a execução dos atentados de 11 de setembro pode ser definida, estrategicamente, como uma ação bem-sucedida, pois obteve uma enorme divulgação em todo o mundo, uma vez que os ataques atingiram os símbolos do núcleo financeiro, militar e político dos EUA. Além do mais, o número de vítimas foi tão grande, que o termo “megaterrorismo” foi utilizado para identificar a ação (CHALIAND; BLIN, 2007).

Para Haddock (2002), Osama bin Laden tinha o objetivo político de se tornar um governante supremo do Islã, um califa, sendo que os ataques de 11 de setembro representariam um objetivo militar intermediário. Entretanto, o atentado lançado à maior potência militar do mundo lhe traria legitimidade política e atenção de todos os meios de comunicação.

⁵ *Jihad* é um termo da religião islâmica que significa empenho, esforço ou luta. Geralmente é entendida como "guerra santa" travada contra os inimigos da religião muçulmana e do dever de defender o Islã através de luta (CHALIAND, BLIN, 2007).

Segundo Visacro (2009) o terrorismo pode ser classificado quanto a sua motivação, como político-religioso, motivo pelo qual é normalmente associado a uma militância política islâmica fundamentalista. Ainda que, ele apresente um forte apelo religioso, os atentados são motivados por fatores de ordem política, como por exemplo, a existência do Estado de Israel e o poder de ingerência das potências ocidentais sobre o Oriente Médio. Grupos como, Hezbollah, Hamas, Jihad Islâmica Palestina e Al-Qaeda, estão apontados nas listas de organizações terroristas internacionais que professam a devoção religiosa como base institucional.

Em suma, de acordo com as citações anteriores, foi constatado que um dos pontos de maior consenso é que o ato terrorista pode ser empregado como uma instrumentalização da violência e do medo para fins políticos de uma organização não estatal; assim como características dos elementos da teoria da Trindade de Clausewitz puderam ser observadas na forma de atuação dos grupos terroristas.

4 TEORIA DA TRINDADE X TERRORISMO

A partir de então, será realizada uma análise da teoria da Trindade de Clausewitz, baseada na essência de seus elementos constituintes e, com isso, estabelecer um paralelo com as principais características do terrorismo do início do século XXI. Com o propósito de verificar se os conceitos da teoria da Trindade permanecem atuais e aplicáveis ao estudo do terrorismo contemporâneo.

4.1 Divergências e Convergências entre a Teoria da Trindade e o Terrorismo

Clausewitz pode ser considerado um dos maiores pensadores militares, sua obra “Da Guerra” está entre os livros mais lidos e referenciados por estrategistas, políticos e escritores da área castrense. Porém, alguns autores, críticos de sua obra, entendem que nas últimas décadas ocorreram mudanças na condução das guerras e que, por isso, os escritos de Clausewitz não se aplicariam mais como uma teoria válida ao ambiente do terrorismo contemporâneo.

Segundo Creveld (1991), a guerra moderna estaria passando por uma radical transformação, na qual os conflitos de baixa intensidade exigiriam uma redefinição das tarefas do Exército para atuarem com as características de uma Polícia, executando guerras de intervenção com a concordância da comunidade internacional; sendo que essa nova

configuração na atuação da tropa militar não estaria enquadrada nas características do exército tradicional proposto pela teoria da Trindade.

“A guerra não é a continuação da política por outros meios.” (KEEGAN, 1993, p. 15). Com essa afirmação, Keegan contesta um dos principais ensinamentos de Clausewitz, além de qualificar a sua teoria como ultrapassada para o estudo das guerras do século XXI, especialmente comparando-as com insurgências, tais como os grupos terroristas. Keegan anuncia que os escritos de Clausewitz teriam sido focados nas batalhas da Revolução Francesa e suas teorias não seriam aplicáveis as guerras travadas por organizações que não se encaixam nas definições de Estado.

Para Kaldor (2013) as guerras da era da globalização como o terrorismo e a Guerra ao Terror, geralmente, estão sendo travadas em regiões em que os Estados autoritários foram enfraquecidos por sua abertura ao resto do mundo. Nesses conflitos, pode-se observar a atuação direta de nações que apoiam esses atos, por meio da ajuda financeira e da disponibilização de parte do seu território para o treinamento dos grupos terroristas.

Ademais, as guerras contemporâneas trazem uma grande combinação entre redes de atores estatais e não estatais, assim como de Forças Armadas regulares, mercenários, jihadistas e grupos paramilitares. Além disso, a distinção entre povo, exército e governo se tornou inútil, pois, no contexto atual, os atores e suas respectivas atividades não podem ser claramente identificados; visto que essas guerras têm objetivos voltados a identidade étnica, religiosa ou tribal. Por outro lado, nas guerras do século passado os objetivos eram centrados em interesses geopolíticos ou alguma ideologia vinculada à democracia ou socialismo (KALDOR, 2013).

Creveld (1991) afirma que muitos dos conflitos ocorridos a partir de 1990, identificados como as novas guerras, são travados entre atores não estatais, sendo assim, não se caracterizam como uma subordinação da guerra à política. Além disso, a guerra nem sempre tem um objetivo político claro, calcado no interesse nacional; sendo que frequentemente, os conflitos são iniciados por questões religiosas, pelo espólio, ou por qualquer outra razão que, na ótica do autor, não tem um fundamento político. Nesse sentido, a teoria da Trindade de Clausewitz teria se tornada obsoleta por não serem mais identificados, claramente, os elementos povo, exército e governo.

Em suma, verifica-se, nas citações acima, que as críticas à teoria de Clausewitz estão focadas numa interpretação superficial da Trindade; sendo que segundo os críticos, os conflitos atuais não estariam evidenciando a presença dos elementos governo, povo e exército convencional, fato pelo qual o terrorismo contrariaria as bases dessa teoria.

Em contrapartida, os defensores da teoria de Clausewitz apresentam uma visão diferente da Trindade, demonstrando que essa teoria é muito mais complexa e abrangente do que apenas um estudo superficial de seus atores secundários. Como poderá ser constatado nas citações a seguir.

Segundo Bassford (2007), os elementos povo, comandante e seu exército e governo, referenciados pelo autor como trindade secundária, não definem a teoria de Clausewitz na sua integralidade, mas ilustram tão somente um conjunto auxiliar de elementos que foram supervalorizados no decorrer dos tempos, tendo em vista a importância deles na derrota norte-americana na Indochina. De uma forma incorreta, a trindade secundária acabou sendo mais valorizada que a trindade primária, sendo esta, formada por palavras abstratas e com definições muito mais abrangentes, como: “a violência original do seu elemento, o ódio e a animosidade, [...] o jogo das probabilidades e do acaso, [...] e, finalmente, a sua natureza subordinada de instrumento da política por via da qual ela pertence à razão pura” (CLAUSEWITZ, 2010, p. 30).

Ademais, o primeiro elemento da teoria da Trindade é a violência primordial, o ódio e a animosidade, na qual Clausewitz se refere a uma emoção violenta e não apenas a uma violência física, visto que pode aflorar de qualquer um dos elementos (BASSFORD, 2007). Dessa forma, essa emoção seria uma força motivadora por trás da guerra, que influenciaria, positivamente, o entusiasmo dos combatentes durante o cumprimento de suas missões.

Para Strachan (2008) as transformações da guerra presentes na metáfora do camaleão da teoria de Clausewitz se estabelece em seu próprio interior, pois, durante o desenrolar dos conflitos, o nível de violência empreendida pode variar para mais ou para menos, a depender das estratégias, dos atores envolvidos e da influência política. Essa metáfora demonstra que Clausewitz entendia que, com o passar dos tempos, ocorreriam mutações nas características das guerras.

Outrossim, a guerra pode ser definida por dois prismas distintos, a vitória militar obtendo triunfo nos objetivos estratégicos e o sucesso político com a execução de seus propósitos; sendo que uma operação militar fracassada pode, apesar disso, ser politicamente vitoriosa. Desse modo, o terrorismo emprega exatamente o mesmo raciocínio, ou seja, uma ofensiva tática executada com a finalidade de obter uma vitória política (DAASE, 2007).

Mahnken (2010) é um defensor das teorias de Clausewitz que estudou a evolução dos conflitos e chegou à conclusão de que embora a contemporaneidade tenha infringido algumas modificações no caráter e na condução das guerras, principalmente em virtude das novas tecnologias, a sua lógica permanece a mesma. Portanto, a literatura clássica da

estratégia, como a teoria da Trindade de Clausewitz continua útil para a análise dos conflitos executados neste século.

Ademais, os elementos clássicos da estratégia militar continuam válidos para os conflitos contemporâneos, sendo que, mesmo com a chegada da globalização, do avanço tecnológico e do surgimento de atores trans ou subnacionais, a essência da guerra não mudou, visto que seus objetivos continuam tendo um caráter político (MAHNKEN, 2010). Dessa forma, é legítima a afirmação de que organizações não estatais, como os grupos terroristas, são atores estratégicos, da mesma forma que os Estados. Logo, tais atores têm um objetivo político claramente definido na execução de suas ações.

Em suma, pode-se observar, por meio das citações acima, que existem escritores que divergem e outros que defendem a aplicabilidade dos conceitos da teoria da Trindade nas ações terroristas contemporâneas. Nesse sentido, será demonstrado a seguir, os resultados alcançados por este trabalho, considerando o que já foi apresentado pelos escritores referenciados.

4.2 A Aplicabilidade da Trindade de Clausewitz no Estudo do Terrorismo

No decorrer deste trabalho, foi explorada a essência da teoria da Trindade de Clausewitz, na qual o autor afirma, em sua metáfora do camaleão, que a guerra é adaptativa e atemporal, visto que ela acompanha as transformações geopolíticas, estratégicas, táticas e tecnológicas. Ademais, toda a discussão sobre a Trindade deve realizar uma análise completa dessa teoria, na qual o caráter abstrato de suas palavras precisa ser considerado, uma vez que Clausewitz não demonstrou a intenção de criar um manual rígido sobre as batalhas, mas sim, um conceito de como a guerra pode ser entendida.

Bassford (2007) afirma que a trindade primária é formada por palavras abstratas com um sentido muito mais abrangente que a trindade secundária. Por conseguinte, considera-se que as tendências dominantes da teoria da Trindade de Clausewitz são compostas, principalmente, pelos elementos: violência primordial, ódio e inimizade; o jogo do acaso e da probabilidade; e a subordinação da guerra à política.

Nesse sentido, para provar a validade da teoria da Trindade nos tempos atuais e sua aplicabilidade para o entendimento do terrorismo do século XXI, será feita uma análise abrangente de seus ensinamentos, embasando-os, não somente na trindade secundária, mas principalmente nas tendências da trindade primária.

Em primeiro lugar, será realizado um exame do primeiro elemento da Trindade, na qual a violência original, o ódio e a animosidade é, também, representada pelo povo. Neste

ponto, Clausewitz fez referência a uma emoção violenta que pode emergir de qualquer um dos elementos, sendo essa emoção motivada por situações históricas de embates mal resolvidos, uma vez que questões políticas, ideológicas, ofensas e inimizades podem levar a uma escalada da violência entre Estados.

A emoção exacerbada que se transforma em violência é um produto da mente humana que demonstra nossas ambições e nossos desejos internos. Historicamente, os líderes das nações se utilizam dessa animosidade para inflamar em seu povo o ódio pelo adversário; assim como pode ser verificado na atuação dos líderes da Al-Qaeda, que se utilizam de questões políticas e religiosas para conquistar a mente de novos soldados terroristas, levando-os a doar a própria vida pelos princípios da organização e pelo ódio dos seus adversários.

Outrossim, pode-se compreender que a violência referenciada na Trindade de Clausewitz se trata de uma atitude violenta e não somente de uma força física, de tal forma que essa característica significa um fator determinante nos conflitos relacionados ao terrorismo; visto que os ataques terroristas são repletos de emoção por parte de seus executores, que entregam sua própria vida pelo sucesso da missão. Portanto, a violência e a animosidade são características imprescindíveis para o êxito das ações terroristas realizadas no século XXI.

Além disso, as ações terroristas causam pânico e medo na população. Desta forma, os ataques buscam focar nesses aspectos para escolha de seus alvos, com o intuito de desestabilizar uma nação atingindo, principalmente, sua sociedade civil. Assim, o terrorismo explora as fraquezas do povo, visto que o elemento surpresa de suas ações afetam o imaginário social de perigo eminente.

Em suma, a violência primordial continua perceptível nos conflitos associados ao Terrorismo do século XXI, visto que essa é sempre carregada de fatores emocionais como o extremismo islâmico ou comoção da população. Nesse sentido, os terroristas, motivados por uma violenta emoção, realizam ataques suicidas em diversas partes do mundo, a fim de alcançarem um objetivo específico de sua organização.

Por outro lado, o jogo das probabilidades e do acaso, também representado pelo comandante e seu exército, fazem referência ao segundo elemento da Trindade. Pode-se analisar que o acaso e a probabilidade são componentes distintos, sendo o primeiro um ato incalculável e aleatório e o segundo algo que pode ser calculado. Além disso, esses componentes não demonstram emoções humanas, mas sim, representam a realidade dos conflitos considerando as inúmeras adversidades que influenciam nos resultados dos combates.

Ademais, o jogo das probabilidades norteia fatores concretos existentes nas forças militares como o efetivo, a capacidade operativa e os meios de combate. A condução de uma guerra exige de seus comandantes atributos pessoais como a coragem de executar uma ação mesmo contra um adversário muito mais forte e a criatividade para planejar um ataque no centro de gravidade⁶ do inimigo. Da mesma forma, podemos observar esses atributos no líder da Al-Qaeda, pois fazendo uma análise de como foram escolhidos os alvos dos ataques de 11 de setembro, pode-se inferir que o grupo terrorista buscou atingir o núcleo econômico e militar dos EUA que é a nação mais poderosa do planeta.

Portanto, pode-se concluir que o segundo elemento da Trindade não se restringe unicamente às Forças Armadas de um Estado, mas também a todos e quaisquer meios de combate que sejam empregados com planejamento estratégico para derrotar o inimigo, a partir de um objetivo político idealizado por um ator estatal ou não estatal, como as ações terroristas realizadas pela organização Al-Qaeda durante o início do século XXI.

Agora, será feita uma análise do terceiro elemento da Trindade, na qual faz-se referência a subordinação da condução da guerra à política, também representado pelo governo. Autores como Creveld, Kaldor e Keegan, críticos da teoria de Clausewitz enfatizam que o terceiro elemento da Trindade é o governo de um Estado e que como as ações terroristas do século XXI são executadas, frequentemente, por atores não estatais, essa teoria teria se tornado inválida. Porém, essa afirmação é superficial e focada apenas na existência de um Governo, não levando em consideração a essência do elemento que é a subordinação das ações da guerra à Política.

Outrossim, a simples definição do grupo Al-Qaeda como uma organização não estatal, não significa que esse não busque fins políticos, haja vista, a designação dos alvos dos atentados de 11 de setembro, na qual o grupo terrorista tinha o objetivo de causar grande número de baixas de civis, aliado a um expressivo colapso no mercado financeiro dos EUA. Dessa maneira, observou-se que o método de atuação desses atores não estatais é de empregar o artifício do terror para a consecução do objetivo político de mudar a ordem social vigente. Além disso, a existência de grupos terroristas não estatais, por si só, não implica que a teoria da Trindade de Clausewitz tenha se tornado irrelevante, visto o caráter atemporal de seus elementos constituintes.

Durante os conflitos da Guerra ao Terror vários Estados do Oriente Médio foram acusados por apoiarem as ações terroristas do 11 de setembro; sendo que o Iraque e o

⁶ Centro de Gravidade “é uma fonte de força, poder e resistência física ou moral que confere ao contendor, em última análise, a liberdade de ação para utilizar integralmente seu poder de combate.” (BRASIL, 2015, p. 59).

Afeganistão foram considerados inimigos dos EUA, uma vez que suas políticas indicavam um apoio irrestrito às atividades da organização terrorista Al-Qaeda. Com isso, pode-se concluir que, embora o grupo Al-Qaeda seja considerado um ator não estatal, ele estava sendo apoiado por Estados com objetivos políticos semelhantes de atacar as grandes nações do ocidente e desestabilizar seus governos.

Com isso, buscou-se trazer à discussão a aplicabilidade da teoria da Trindade de Clausewitz perante as características do terrorismo, levando em consideração não apenas os elementos da trindade secundária, mas principalmente, toda a abrangência dos conceitos expressos na trindade primária. Portanto, o terrorismo do século XXI pode ser entendido como um fenômeno da guerra dentro dos conceitos de Trindade de Clausewitz.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho tem o objetivo principal de analisar a aplicabilidade da teoria da Trindade de Clausewitz ao estudo do terrorismo do século XXI. Para o alcance do objetivo proposto, foi necessário identificar as principais características da teoria da Trindade de Clausewitz e as principais características do terrorismo no século XXI. Por fim, procedeu-se a análise de como os conceitos da teoria da Trindade proposta por Clausewitz permanece atual e aplicável ao estudo do terrorismo do século XXI, para isso, foram delimitados os conflitos ocorridos entre os anos de 2001 e 2005.

A partir da análise desenvolvida neste estudo, é possível apontar algumas considerações a respeito do tema proposto, como a compreensão incorreta feita por alguns pensadores militares, descritos no quarto capítulo, de que apenas a interpretação dos elementos da trindade secundária seria justificativa para atestar que a Trindade de Clausewitz teria se tornado ultrapassada perante o estudo das características do terrorismo contemporâneo.

Além disso, observou-se que a trindade primária tem um caráter muito mais abrangente, uma vez que ela é formada por palavras abstratas que exprimem as tendências dominantes da teoria de Clausewitz; visto que a violência, o ódio e a animosidade são aspectos factuais nas ações terroristas, na qual este extremismo tem o objetivo de causar o maior número de baixas civis, por meio de atentados violentos nos centros urbanos dos Estados adversários.

Ademais, durante o estudo foi constatado que o jogo das probabilidades e do acaso pode ser testemunhado nos ataques terroristas, mediante da imprevisibilidade de suas

ações, na qual o fator surpresa de um atentado é um componente genuíno do terrorismo. Posto que, sua estratégia de combate se utiliza de táticas psicológicas baseadas na propagação do terror, mediante a aleatoriedade da escolha dos alvos a serem atacados.

A subordinação da condução da guerra à política é claramente perceptível nas ações terroristas do grupo Al-Qaeda, haja vista a escolha calculada dos alvos atacados que demonstrou a pretensão de se obter propósitos políticos. Pode-se afirmar que o grupo Al-Qaeda tinha como meta o ataque de grandes nações do Ocidente, conforme foram descritos neste trabalho os ataques aos EUA e à Espanha, que foram motivados por objetivos políticos bem definidos.

A Trindade de Clausewitz não pode ser entendida apenas pelas táticas e estratégias de combate, mas, principalmente, pela perspectiva de se observar a guerra como um ato de relações humanas, de forma a ser considerada toda a complexidade social de seus indivíduos. Com isso, pode-se presumir que o terrorismo é um ato de guerra com interesse de causar terror na população civil, a fim de se conquistar um objetivo político definido pela organização terrorista. Dessa maneira, a contribuição da teoria de Clausewitz se faz relevante na compreensão do terrorismo contemporâneo.

Isso posto, observou-se que Clausewitz pretendia, por meio da sua teoria, orientar os comandantes militares para a complexidade da guerra, levando em consideração a essência dos seus princípios, sem estabelecer um método cartesiano para explicar a íntegra dos conflitos. Uma vez que, sua obra não pode ser entendida como um guia prático e inflexível para a condução de uma guerra, mas sim, como uma coletânea de valores abstratos que, ao serem estudados, podem orientar os chefes militares para a concepção de uma estratégia de combate eficaz.

Em suma, o fato de Clausewitz ter afirmado que natureza da guerra é mutável, demonstra o seu entendimento da essência do futuro das guerras, uma vez que os três elementos da Trindade poderiam se modificar com o passar dos tempos. Assim, de acordo o que foi estudado neste trabalho, conclui-se que a Trindade de Clausewitz continua válida e aplicável ao estudo do terrorismo do século XXI, da mesma forma que ela, também, pode ser analisada nos conflitos empreendidos na Guerra ao Terror.

Em virtude da relevância do tema apresentado e da delimitação quanto a sua abrangência, sugere-se que os futuros trabalhos de pesquisa possam realizar estudos que busquem trazer à discussão outros tipos de guerras irregulares, ou que seja feita análise em outras teorias de Clausewitz, como a teoria do Centro de Gravidade.

REFERÊNCIAS

- ARON, Raymond. **Pensar a Guerra, Clausewitz**. Tradução Elisabeth Maria Speller Trajano. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1986.
- ATWAN, Abdel Bari. **The Secret History of al Qaeda**. Los Angeles: University of California Press, 2006.
- BASSFORD, Christopher. **Clausewitz in English: The Reception of Clausewitz in Britain and America 1815-1945**. New York: Oxford University Press, 1994
- BASSFORD, Christopher. The Primacy of Policy and the “Trinity” in Clausewitz’s Mature Thought. *In*: STRACHAN, H.; HERBERG-ROTHER, A. (Eds.). **Clausewitz in the Twenty-first Century**. New York: Oxford University Press, 2007.
- BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01: Glossário das Forças Armadas**. 5. ed. Brasília, DF, 2015.
- CHALIAND, Gérard; BLIN, Arnaud. **The History of Terrorism: From Antiquity to Al Qaeda**. Los Angeles: University of California Press, 2007.
- CLAUSEWITZ, Carl von. **Da Guerra**. Tradução Maria Teresa Ramos. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes Ed., 2010.
- COX, Joseph L. **Information Operations in Operation Enduring Freedom and Iraqi Freedom – What Went Wrong?**. 2006. A Monograph by Major Joseph L. Cox US Army. School of Advanced Military Studies United States Army Command and General Staff College Fort Leavenworth: Kansas, 2006. Disponível em: <https://fas.org/irp/eprint/cox.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2021.
- CREVELD, Martin van. **The Transformation of War: The Most Radical Reinterpretation of Armed Conflict Since Clausewitz**. New York: The Free Press, 1991.
- DAASE, Christopher. Clausewitz and Small Wars. *In*: STRACHAN, H.; HERBERG-ROTHER, A. (Eds.). **Clausewitz in the Twenty-first Century**. New York: Oxford University Press, 2007.
- Escola de Guerra Naval (BRASIL). **EGN-601: Manual de Estratégia Operacional**. vol. I, II e III. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://egn.mb/downloads>. Acesso em: 29 jul. 2021.
- FARIAS, Anna Carolina Monéia. **Clausewitz e os Conceitos de Terrorismo: Continuação da Guerra ou Continuação da Política?**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília, 2019.
- HADDOCK, Ellen K. **On Words: Clausewitz, Bin Laden, and Public Support**. Washington D. C.: National Defense University, 2002.

KALDOR, Mary. **In Defense of New Wars**. Stability: International Journal of Security & Development, London, 2013. Disponível em: <http://doi.org/10.5334/sta.at>. Acesso em: 05 abr. 2021.

KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1993.

KEEGAN, John. **A Guerra do Iraque**. Tradução Lais Andrade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2005.

LAMBETH, Benjamin S. **Air Power Against Terror: America's Conduct of Operation Enduring Freedom**. Santa Monica: Rand, 2005.

MAHNKEN, Thomas G. Strategic Theory. *In*: BAYLIS, John; WIRTZ, James J.; GRAY, Colin S. **Strategy in the contemporary world**. 3. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

NETO, Arnaldo Alves da Costa. **A Política Externa Norteamericana após os Atentados Terroristas de 11 de Setembro de 2001**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia) Escola Superior de Guerra. Rio de Janeiro, 2010.

ROCHA, Luciano Leonardo Guimarães. **O 11 DE SETEMBRO DE 2001: e a campanha militar estadunidense no Afeganistão**. 2020. Dissertação (Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores) Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, 2020.

SOUZA, A. M.; NASSER, R. M.; MORAES R. F. **Do 11 de Setembro de 2001 à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI**. Brasília: Ipea, 2014.

STOKER, Donald. **Clausewitz his Life and Work**. New York: Oxford University Press, 2014.

STRACHAN, Hew. **Sobre a Guerra de Clausewitz** (uma biografia). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

TORREON, Barbara Salazar. **U.S. Periods of War and Dates of Recent Conflicts**. The Congressional Research Service (CRS). Washington, 2020. Disponível em: <https://fas.org/sgp/crs/natsec/RS21405.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história**. São Paulo: Ed. Contexto, 2009.